



O [Esquema] Poético da Poesia de Armando Artur – uma poética de Movimento e Liberdade – uma viagem pel'O HÁBITO DAS MANHÃS

Matos Matosse

“Não se pode banhar duas vezes nas mesmas águas dum rio.” (Rousseau)

A razão – da escolha desta frase de Rousseau: *“Não se pode banhar duas vezes nas mesmas águas dum rio.”* – [para servir de entrada a este ensaio literário] – e, esta de Sartre: *“Somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livre.”* – será compreendida pelo caríssimo leitor ao longo do texto. Estas frases irão sustentar a estética da poesia arturiana.

Reconheço que não é fácil escrever sobre a obra de Armando Artur, um poeta de reconhecido mérito. Dono de uma vasta obra poética: *Espelho dos Dias* (1986); *O Hábito das Manhãs* (1990) – [em análise neste ensaio] –; *Estrangeiros de Nós Próprios* (1996); *Os Dias em Riste* (2002); *A Quintessência do Ser* (2004); *No Coração da Noite* (2007); *Felizes as Águas* (2008); *As Falas do Poeta* (2012); *A reinvenção do Ser e a Dor da Pedra* (2018); *MUERY – Elegia em Si Maior* (2019); *Outras Noites, Outras Madrugadas* (2021).

Uma obra riquíssima. Um poeta homenageado, durante a Feira Internacional do Livro de Quelimane, pelos seus 35 anos de produção literária. Tem seguintes prémios: Prémio Consagração Rui de Noronha (200); Prémio Nacional de Literatura

José Craveirinha (2003); Prémio BCI da Literatura (2019). Recentemente, o escritor e docente da Literatura, na Universidade Eduardo Mondlane, Lucílio Manjate, coordenou um belíssimo trabalho que consistiu em selecionar, criteriosamente, alguns textos da vasta deste poeta e agrupá-los numa antologia: *O ROSTO E O TEMPO* (2021), sobre a chancela de Alcance Editores.

As perspectivas de análise da obra de Armando Artur são várias, porém, a motivação que nos move é a mesma: fazer que a obra deste autor seja conhecida pelo público leitor.

O Hábito das Manhãs é um livro de poesia; tem 49 páginas, 41 poemas e foi publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos, AEMO, (1989).

Neste livro, Armando Artur começa a sua viagem poética com o poema: INTRODUÇÃO, pág.: 7, “*Se cada dia/ triunfa um voto de viver/ a vida não será senão/ uma viagem sem fronteiras?*”

Este poema prepara-nos para a compreensão dos seus textos. Da intensão poética do autor. O autor pretende embarcar connosco nesta viagem reflexiva sobre a vida, e sugere-nos duas formas: **religiosa e filosófica [metafísica]**.

[Esquema] poético

Armando Artur não nos apresenta um esquema único que vai caracterizar a sua poesia. Ele varia o esquema, tendo o mesmo para os poemas longos, relativamente, aos curtos. E um lindo exercício de fazer a poesia.

Em AGORA DURMO ACOCORADO, pág.: 8, por exemplo, o autor começa o poema com o pronome condicional [se], “*Se este é o tempo/ de abrir o meu coração/ fá-lo-ei agora/ sem mais demora*”. Se quiser chamar para o ensaio o poema de Fernando Pessoa, com o título [Se], “*Levava eu um jarrinho/ p`ra ir buscar vinho (...)// correu atras/ de mim um rapaz/ foi o jarro p`ra o chão, (...)// se eu não levasse um jarro/ nem fosse buscar vinho, (..) nem corresse atrás/ de mim um rapaz/ nada disto acontecia.*”, poderíamos ver como é que os dois poetas brincam, permitam-me o termo, com este pronome condicional. Em Artur, o efeito deste condicional dissolve-se, logo, nas duas primeiras estâncias; não sendo fácil encontrar a sua “fragmentação” pelo texto todo. O mesmo já não acontece, em Pessoa. Em que,

a sua fragmentação e efeito lexical sente-se até ao fim do texto, trazendo ao sujeito poético um sentimento de arrependimento. De culpa. Ainda em Artur, este pronome condicional – que se dissolve nas duas primeiras estâncias – será substituído pelos advérbios de tempo [agora e hoje], que não é, senão a mera complementaridade da ideia desenvolvida na primeira estância.

Acontece, porém, tal como em Pessoa, que Artur, também, transmite-nos diversos sentimentos, como podemos ver: na 1ª estrofe e nos versos 2 e 3 da 2ª estrofe: “...como um pássaro impaciente/ à espera da manhã”; – **ansiedade**; na 3ª estrofe, “agora, pouco a pouco minha infância/ vai perdendo o seu sentido/ apesar do equinócio/ que me promete a memória.”, – a **desesperança, angústia, aflição**; na 4ª estrofe, – a **certeza**, a queda das **incertezas e angústias** que corroíam o espírito do sujeito poético, [expressos nas estrofes anteriores.] A 5ª estrofe complementa a 4ª; espera-se que esta mudança seja boa.

Os advérbios de tempo [agora] – nas estrofes 1ª, 3ª e 4ª exprimem significados diferentes. É estranho, não é? Vamos assim, tão simplesmente, estes advérbios têm a carga emocional diferente. Elevam o estado emocional do sujeito poético. Isto funciona assim. É o que a poesia de Artur nos exige, enquanto leitores, analistas: peneirar-se as palavras. Aliás, às vezes, não os versos no seu todo, ou mesmo toda a estrofe, mas palavra por palavra. Só assim se pode ter a compreensão mais profunda da sua temática e estilo que o autor adapta.

Neste [esquema] poético – traçado por Artur – o texto ganha uma forma, na qual as duas últimas estrofes trazem, inquestionavelmente, o desenlace, o sossego ao sujeito poético, finalmente. Um sossego de espírito, ora, agitado: “hoje, o meu sonho/ tem a forma dum papagaio/ que voa até se desprender/ no horizonte”. [Voar], sentido de liberdade.

Aqui, passo por cima da palavra [acorado] e ateio-me na palavra [mudança], – ver a 5ª estrofe – para cujo sentido é transcendental.

Em (ABRO A JANELA), pág.: 10, e (PRAIA DA COSTA-DO-SOL), pág.: 11. Neste esquema poético, o autor faz um cruzamento temático, texto da pág.: 10 com o texto da pág.: 11. Tomemos o texto da pág.: 10 como texto A e o texto da pág.: 11 como texto B, para facilitar a nossa abordagem.

Vamos por partes: na 1ª estrofe do texto A, o sujeito poético descreve um movimento monótono do nascer do sol. De mais uma manhã: “...no sol que espreita/ devagarinho”; contrariamente, ao texto B, a manhã nasce: “...inteira,/ redonda e geométrica/ salgada como o perfume/ de sândalo”. Na 2ª estrofe, em ambos textos, revelação da esperança, “afinal, as manhãs sobem/ como um grito de esperança”, texto A; “e os primeiros arautos/ da maturação do amor”, texto B. Na 3ª estrofe, texto A, expressa-se a ideia de migração, de liberdade; e, no texto B, a ideia de liberdade é expressa com a metáfora de asas, tal como em outros poemas: “...como as gaivotas de setembro”. E, por fim, na 4ª estrofe, de ambos os textos, a ideia de *ansiedade*, porém, isto não contrasta com a *esperança* a florada nas estrofes anteriores; veja como fecha o texto B: “nela a fluorescência da memória/ e a incandescência da esperança”.

Note este jogo que o sujeito poético faz, no texto B, nas seguintes estrofes 1ª e 3ª: “Aqui a manhã/ chega-me inteira” vs “aqui a manhã/ chega-me pura”. A escolha de palavras *inteira* e *pura* não foi propositada.

O Movimento, a liberdade na poesia arturiana

Percorrendo este livro, encontramos palavras que nos fazem inferir que a poesia arturiana exprime o **movimento**, a **liberdade**. O [movimento] é expresso com as palavras: ondas, mar, rio; aves, (as aves que empreendem voo.) O sentido da dialética é-no-los trazido, aqui. Uma dialética que nos leva à compreensão filosófica da vida. À epistemologia do nosso cosmos. E quanto à liberdade, o poeta Armando Artur toma as suas próprias decisões. Em EXCURSÃO PELO RIO CONGO, EXCURSÃO PELA MEMÓRIA, pág.: 14, depois que, na 2ª estrofe nos fala de sofrimento, da morte: “na memória desenha-se minha gente:/ crianças guardando a fome, a sede, o luto/ por detrás do amargo sorriso.”, empanturrado disto, o desabafo, na 5ª estrofe: “agora que importa falar do vento/ das águas, do sol, dos pássaros?/ ignoro a natureza das coisas/ falo apenas desta dor que me acompanha,/ do sangue que nasce no Índico/ e desagua no meu coração.” Mostra-se-nos um sujeito poético sofredor. É visível nestes três últimos versos. Este desabafo manifestado pelo sujeito poético não o leva ao abandono da sua missão, enquanto um impulsionador, influenciador das sociedades para aquilo que é bom. É aceitável. Ético. Eis a liberdade que o leva à

crítica. E com a qual pretende que cada homem seja capaz de discernir, fazer as suas próprias escolhas dentro de um quadro axiológico.

O lirismo poético de Armando Artur

A poesia de Armando Artur é lírica. Este lirismo poético transcorre, visivelmente, nos textos, por exemplo: CONFISÃO, pág.: 25; AQUI MURMURAVA, pág.: 28; APAGA O SOL, pág.: 31, e outros. É um lirismo que evidencia a figura da mulher; esta ganha um lugar especial: *“Felizarda sejas tu, mulher/ que trazes nos olhos e no ventre/ a palavra anunciada: – luz”*, pág.: 23, do poema MULHER; *“Eu pinto uma mulher nua/ correndo a rédeas largas”*, do poema CENÁRIO, pág.: 44.

Mas, o sujeito poético não é tão alegre em todo o processo de "amar", em APAGA O SOL, a palavra sol não lhe é atribuída significado de luz que alegra, mas um impedimento para a realização ou a concretização do amor: *“Apaga o sol/ que te rouba o luar/ (...) para que o amor aconteça/ nas tuas crinas.”*

A temática da poesia de Artur

De intervenção social (fome, . Amor. A Temática de guerra é trazida de forma *subtil, receosa*: vale-nos as isotopias denunciadoras de tal atitude: em PAISAGEM INTERIOR, pág.: 43, *“(…nenhum descampado?/ nenhuma relíquia/ dum projecto incendiando?// de longe/ somente uma brisa leve/ amortecendo a espera.// entretanto, o sangue/ e a neblina de fumo/ vão ganhando forma.”*

Outra temática – por entre linhas

Por entre linhas, fica a temática de felicidade. Justiça. Este bem que é manifesto desejo de Armando Artur de vê-lo alcançado por todos os Homens.

Recursos estilísticos usados

Metáfora, parataxe, repetição, paralelismo estrutural, adjectivação, comparação. Contraste. Particularmente, a parataxe e a repetição são muito marcantes nos poemas deste poeta.

Armando Artur explora tudo à sua volta, os elementos da natureza: arco-íris; espiga de milho; lagos, algas (caladas) e outros aos quais já me referi, anteriormente. Até ao detalhe: a coisa mais pequena: “*de gota-a-gota-de-água/ que pinga, pinga e se repete.*”, pág.: 40.

O estilo

Antes de entrar, propriamente, no estilo arturiano, – se me permitir –, começaria por trazer a definição do conceito [estilo], segundo Von Rumohr, [Hegel, *Estética, O Belo Artístico ou Ideal*, 1964]. **Estilo** é uma adaptação, que se torna um hábito, às exigências internas da matéria em que o escultor esculpe as estátuas, com que o pintor compõe as suas formas.

No entanto, Armando Artur adopta um estilo próprio [tal como acontece, também, com outros escritores. Cada escritor tem o seu próprio estilo.] o **estilo** distingue uma obra artística da outra e um autor em relação a outro. Na pintura, é comum chamá-lo de *traço*.

Artur escreve versos curtos, mas profundos. Versos de cuja hermenêutica não se nos configura fácil. Concorre para isso a técnica usada pelo autor para a estruturar os seus textos; ele é bastante rigoroso na escolha de palavras, às vezes, e, propositadamente, com alguma repetição das mesmas palavras em vários textos, para sublinhar ou marcar [acho eu] com elas as isotopias que nos remetem à temática central da sua poesia. [– como vimos nos § anteriores.]

Para além do descrito, acima, torna, ainda, o seu estilo do poeta Artur o seguinte: riqueza lexical; jogo de palavra, através de criação de campo semântico, usando a combinação de **substantivos e verbos**; amor à Natureza.

Síntese e fecho

O leitor deve ter notado a razão que me levou recorrer à frase de Rousseau, sobre *as águas do rio* para com ela iniciasse este ensaio e, a de Sartre. Era, exatamente, para sustentar esta ideia de movimento e a de liberdade que encontramos na poesia de Artur; a ideia da dialética. Da natureza.

A sua ideia poética pode ser sintetizada em dois poemas [– minha visão –]: em **VÍNCULO ORGÂNICO**, pág.: 47:



*Ontem parti
do circunstancial
e agora querem-me
do accidental?*

*desculpem-me,
mas gosto deste
vínculo orgânico
Com o essencial.*

E em ESTAÇÃO, pág.: 34:

*Aqui morreu
o projecto primeiro
de viver irremediavelmente
a condição humana.*

Continuemos a estudar a poesia de Armando Artur. Esta poesia devia ser de leitura obrigatória nas nossas escolas.

Aquele abraço!

Autor:

Matos Matosse

Professor, escritor e ensaísta literário. É membro fundador do Círculo Académico de Letras e Artes de Moçambique, CALAM. <chonape.matosse@gmail.com>

+258 844164395 Moçambique-Maputo